



DOSSIÊ - COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS

A missão como modelo de renovação da Igreja*The mission as a model for the renewal of the Church**La misión como modelo de renovación de la Iglesia***Roberto Marcelo da
Silva¹**orcid.org/0000-0001-5097-1698
dr.pe.roberto@gmail.com**Recebido em:** 19 out. 2022.**Aprovado em:** 18 mar. 2023.**Publicado em:** 05 jun. 2023.

Resumo: O Papa Francisco propôs a missão como modelo da renovação da Igreja. O Pontífice toma este convite como ponto de partida propõe a refletir sobre a incidência da questão em algumas questões teológicas. A urgência da missão deve modificar não só a ação pastoral, mas também a linguagem teológica, porque o dizer e o fazer estão fortemente ligados. Deus, Jesus Cristo, o homem, a cultura e as consequências éticas da transformação missionária são os temas abordados neste artigo. O artigo tem como objetivo verificar perspectivas concernentes a missão da Igreja, perpassando por uma linguagem ou mensagem que expressa a misericórdia divina e que culmina em implicações éticas missionárias.

Palavras-chave: Papa Francisco; missão; renovação; antropologia; cultura.

Abstract: Pope Francis proposed the mission as a model for the renewal of the Church. The Pontiff takes this invitation as a starting point and proposes to reflect on the impact of the issue on some theological issues. The urgency of the mission must modify not only pastoral action, but also the theological language, because saying and doing are strongly linked. God, Jesus Christ, man, culture and the ethical consequences of missionary transformation are the themes addressed in this article. The article aims to verify perspectives concerning the mission of the Church, passing through a language or message that expresses divine mercy and that culminates in missionary ethical implications.

Keywords: Pope Francis; mission; renewal; anthropology; culture.

Resumen: El Papa Francisco propuso la misión como modelo para la renovación de la Iglesia. El Pontífice toma como punto de partida esta invitación y propone reflexionar sobre el impacto del tema en algunas cuestiones teológicas. La urgencia de la misión debe modificar no sólo la acción pastoral, sino también el lenguaje teológico, porque el decir y el hacer están fuertemente ligados. Dios, Jesucristo, el hombre, la cultura y las consecuencias éticas de la transformación misionera son los temas abordados en este artículo. El artículo tiene como objetivo verificar perspectivas sobre la misión de la Iglesia, pasando por un lenguaje o mensaje que expresa la misericordia divina y que culmina en implicaciones éticas misioneras.

Palabras clave: Papa Francisco; misión; renovación; antropología; cultura.

Introdução

O chamado missionário da Igreja não é novo. Ressoa desde os primórdios do cristianismo, quando em meados do século II, a Igreja sente que a ação missionária foi notavelmente reduzida, acentuando muito mais perspectivas teológicas em detrimento do querigma como processo de conversão. É no impulso missionário que a Igreja encontra a sua mais profunda identidade e vitalidade. É na universalidade da missão que a



¹ Faculdade Canção Nova (FCN), Cachoeira Paulista, SP, Brasil.

Igreja encontra um dos seus principais pilares. Quando esse impulso se enfraquece, a Igreja, que deveria irradiar o rosto glorioso e compassivo de Cristo, não faz mais do que refletir o rosto opaco de uma instituição onde prevalece o egoísmo humano.

Nos últimos cinquenta anos, foi o Concílio Vaticano II que renovou a consciência missionária com notável insistência. Encontramos a questão presente não apenas como tema de documentos específicos (como o caso *Ad Gentes*), mas também como realidade transversal e constitutiva da Igreja em seu mistério e sacramentalidade. *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, por exemplo, convidam-nos a pensar a missão em novas categorias, para além da concepção clássica de missão como "implantação da Igreja". Nota-se uma mudança no registro do conceito de "missão", variando sua aplicação conforme se refira a povos não evangelizados ou a comunidades que, tendo recebido a fé, enfrentam uma forte crise cultural que os fragiliza.

João Paulo II assumiu este desafio cada vez mais urgente com o passar do tempo em sua encíclica *Redemptoris Missio* (1990), onde introduz novas noções que destacam a complexidade da situação. Já não se trata apenas de uma missão *ad gentes*, mas de uma nova evangelização (categoria utilizada pelo próprio Papa em sua visita a Santo Domingo em 1984, de profundo significado para a América Latina) ou de uma reevangelização. Não é o caso em promover uma análise do uso específico que João Paulo II fez desses termos. Mas, sim, fazer menção para destacar que sua aparência denota um estado da situação que não pode ser resolvido com uma única palavra. A Igreja se encontra diante de uma situação que a obriga a pensar na peculiaridade de uma missão *ad intra*.

Hoje a missão volta a ocupar o centro da cena nas mãos de Francisco. No entanto, na abordagem atual encontramos algo novo em relação às anteriores: a missão está associada à transformação da Igreja. Em outras palavras, a missão é o caminho de conversão que a Igreja deve percorrer. Não é apenas levar o Evangelho a

quem não o conhece ou o conhece pouco, mas a oportunidade de uma urgente renovação eclesial.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, estilos, horários, linguagem e todas as estruturas eclesiais se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo de hoje e não para a sua autopreservação (*Evangelii Gaudium* 27).

Tampouco estamos diante de uma opção à qual se é convidado a uma vocação especificamente missionária. Francisco quer instalar a missão como um estilo de vida que sustenta toda a atividade da Igreja. Para ele, "a saída missionária é o paradigma de todo o trabalho da Igreja" (*Evangelii Gaudium* 15), que os cristãos devem "assumir em qualquer atividade que se realiza" (*Evangelii Gaudium* 18), porque se trata de nos constituir "em todas as regiões da terra em permanente estado de missão" (*Evangelii Gaudium* 25). É na missão que se propõe realizar a renovação da paróquia e de cada instituição eclesial, de cada diocese e da função episcopal, chegando finalmente ao próprio pontificado (*Evangelii Gaudium* 28-33).

Este artigo tem como objetivo investigar alguns dos caminhos concernentes a missão da Igreja. A partir da *Evangelii Gaudium*, verifica-se que Papa Francisco nos deixa algumas pistas sobre a evangelização e na missão na Igreja. Assim, o texto do artigo apresentará a importância da linguagem no processo de evangelização, o acesso ao contexto e à realidade cultural permitindo a verificação de novos contornos para a evangelização e, por fim, o anúncio transformador da Palavra de Deus como resultado do empenho missionário.

1 A missão a partir de uma linguagem diferente

Em 13 de março de 2013, Francisco saiu na varanda e acenou timidamente com a mão. Ele não iniciou seu discurso com um "Louvado seja o Santíssimo Sacramento" nem o encerrou lembrando que "Cristo vence". Ele simplesmente disse "boa noite" e "boa noite". Ele cumprimentou os peregrinos como se fossem seu irmão a caminho. Ele olhou para o povo e conferiu a bênção. Reconheceu-se como pastor da Igreja

de Roma, primeiro na caridade, e deu a entender que esta era a única aspiração de superioridade que pretende alcançar. Eles foram procurá-lo no fim do mundo, segundo suas palavras. Ou talvez do novo mundo do Sul, que como continente tem rostos a mostrar, gestos a contribuir e palavras a dizer. Mais tarde, ele quebrou vários protocolos. Ele se atreveu a exclamar diante de todo o mundo: "Como eu gostaria de uma Igreja pobre, para os pobres!". E lembre-se de uma verdade tão simples quanto esquecida: "Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo".

Papa Francisco propõe a "Alegria do Evangelho" como percurso a ser seguido pela Igreja. "Uma alegria que enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento" (*Evangelii Gaudium* 1). Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Esta é uma alegria missionária, de uma "Igreja em saída", voltada para o povo, pois a alegria do Evangelho é para todo o povo.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias (*Evangelii Gaudium* 27).

"As enormes e rápidas mudanças culturais exigem que prestemos atenção constante para tentar expressar as verdades de sempre em uma linguagem que nos permita perceber sua permanente novidade" (*Evangelii Gaudium* 41). Mas não se trata de uma adaptação da linguagem apenas para torná-la mais compreensível no contexto contemporâneo.² A proposta de Francisco não é uma proposta de divulgação ou uma maquiagem que torna uma mensagem exigente mais amigável. O estilo comunicativo tem consequências éticas. Ou seja, o que ele diz influencia suas ações. Não há dissociação entre ditos e atos,

mas sim uma coerência vital respaldada pela simplicidade do Evangelho. O novo modelo que emergiu da missão deve influenciar a linguagem que a Igreja usa para anunciar Jesus Cristo. "Se pretendemos colocar tudo em chave missionária, isso também se aplica à forma de comunicar o Evangelho" (*Evangelii Gaudium* 34). Não é apenas um esforço para fazer a mensagem soar bem aos ouvidos, mas para apropriar-se efetivamente da lógica do amor que emana da fé.

A aceitação do primeiro anúncio, que convida deixar-se amar por Deus e amá-lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e em suas ações uma reação primeira e fundamental: desejar, buscar e cuidar do bem dos outros (*Evangelii Gaudium* 178).

A transformação da Igreja não pode ficar em palavras bem-intencionadas. Sabemos disso e temos muita experiência do que isso significa. Mas também não basta mudar as estruturas mantendo a forma de dizê-las. As palavras são tão importantes quanto os fatos e deve haver uma coerência vital entre os dois. A palavra tem uma dimensão ética e o correlato de sua autenticidade é sua conexão e compromisso com as opções que brotam do Evangelho. Francisco sugere que quando esta correlação é esquecida, é muito difícil testemunhar o desejo de uma transformação profunda. Um parágrafo que pensa sobre a relação entre as comunidades eclesiais e os pobres vai nessa linha:

Qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretenda subsistir tranquilamente sem se preocupar criativamente e cooperar eficientemente para que os pobres vivam com dignidade e incluam todos, também correrá o risco de dissolução, ainda que fale de questões sociais ou critique os governos. Acabará facilmente submersa no mundanismo espiritual, disfarçada com práticas religiosas, com reuniões infrutíferas ou com discursos vazios (*Evangelii Gaudium* 207).

A Igreja é, por natureza, missionária, pois prolonga a missão de Cristo, que foi enviado por Deus Pai sob a influência do Espírito Santo e, antes de subir ao céu, deu aos seus Apóstolos a

² Tanto que muitas expressões nascidas em outras épocas nos aparecem hoje como opacas e incompreensíveis (MIRANDA, 2017, p. 165).

grande tarefa de anunciar o Evangelho a o mundo inteiro: "E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15).³ É útil referir-se à palavra missão, que vem do verbo Latim "*mittere*" que significa enviar. Daí a palavra missão estar ligado com "enviar", "delegação".

É assim que a Igreja possui esse mesmo envio em todos os tempos, toda a Igreja é o repositório da Boa Nova que deve ser anunciada. Esse anúncio é vital nestes tempos atuais, onde os valores parecem desaparecer, sob a influência de um discurso social hedonista e consumista, onde o perecível e o efêmero prevalecem sobre o eterno.

A Igreja deve continuar a promover os valores do Reino, que a fé como um grão de mostarda incipiente cresça no coração dos homens e inunde a Terra de valores evangélicos. Esses valores de paz, justiça, liberdade, fraternidade e amor são uma expressão do Reino de Deus entre seus filhos e só eles podem dar ao ser humano uma vida transcendente e cheia de significado.

A missão foi uma das primeiras práticas da Igreja e jamais poderá ser colocada em segundo plano, porque faz parte da sua natureza. Desse modo, ele afirma que a missão é uma realidade da qual a Igreja não pode se omitir. Ela é por natureza missionária. O envio missionário era e é uma questão vital. A missão foi primeiramente prática. A Igreja nasceu e viveu a missão antes de saber o que era missão. A experiência de vida, do "estar com Jesus", era seu anúncio e testemunho (PANAZZOLO, 2006, p. 16).

Hoje, mais do que nunca, onde o ser humano é escravo de suas paixões, a única mensagem libertadora capaz de tirá-lo de toda escravidão é a verdade de quem é Cristo. "A centralidade da missão é um ponto decisivo, tanto para a própria constituição da Igreja como para a reflexão eclesiológica, na perspectiva da eclesiologia da libertação" (VELASCO, 1996, p. 429). Percebe-se que o sofrimento humano está ligado aos vazios existenciais ou males onde o espiritual é deixado

de lado, em que a busca pelo sentido da vida está para o empenho missionário de uma Igreja que não se deve desviar da mensagem central e seja capaz de anunciar que o sofrimento faz parte do progresso eterno.⁴ No entanto, na América Latina está crescendo uma religiosidade onde o sofrimento é negado e um evangelho leve é transmitido sem compromisso.

A Igreja deve tornar-se uma casa aberta a todos, de modo especial aos mais fragilizados, promovendo sempre uma relação "aberta" e não "fechada", porque, quando se fecha em si mesma, ela limita ou sujeita a participação das pessoas na vida eclesial, criando uma separação entre os que são fiéis à ortodoxia e os que são julgados pela ortodoxia. "Igreja em saída" é missão, e a missão está sempre relacionada com o mundo. Não existe nenhuma missão no abstrato, no vácuo, fora do tempo, do espaço e das culturas. Missão é o encontro de Deus com o mundo, do divino com o humano. Missão é um processo de integração, de relação, de comunhão, de urgência, e não se realiza sem tensões e lutas (PANAZZOLO, 2006, p. 101).

Essa ligação entre palavras e atos leva-se a pensar que um dos aspectos em que ocorre a transformação missionária da Igreja é na articulação entre teologia e pastoral. Hoje, mais do que nunca, essas duas realidades não podem ser dissociadas. A pastoral não pode se firmar em um modo de fazer que lhe dê impunidade diante do pensamento teológico. Mas, a teologia também não pode apresentar seus tratados de maneira exclusivamente objetiva, como se a verdade que proclama fosse tão abstrata quanto o homem a quem se dirige. Ela também tem um compromisso ético. É verdade que demos muitos passos para vincular ambos os aspectos nos últimos anos. Com efeito, a *Evangelii Gaudium* nos convida a aprofundar a renovação missionária. É por isso que se pode questionar à luz da Exortação: como é o discurso sobre Deus? Quais são as consequências antropológicas à luz da *Evangelii Gaudium*? Qual é a dimensão ética que

³ A Igreja-comunhão de toda humanidade em Cristo se realiza no Povo de Deus da Nova Aliança, cuja cabeça é Cristo conforme o plano universal salvífico do Pai, manifesta-se de modo pleno, na missão do Filho e, com a missão do Espírito conserva plena validade no tempo e no espaço até sua realização escatológica, quando Deus será tudo em todas as coisas (LIBANIO, 2005, p. 110).

⁴ Isso significa dizer que "a Igreja deve ser lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viver segundo a vida boa do evangelho" (*Evangelii Gaudium* 114), de modo que se possa suscitar na Igreja nova expressão da fé e da vida cristã que envolva a totalidade do ser humano, o seu corpo inteiro, e não somente a razão abstrata ou científica (COMBLIN, 2000, p. 27).

emerge dessa concepção? Tentaremos abordar essas questões.

2 O Evangelho da Misericórdia

Papa Francisco sublinha que a ação evangelizadora deve ser marcada pela alegria (*Evangelii Gaudium* 1). Eu me encorajaria a complementar esta proposição acrescentando que é uma alegria misericordiosa. “Deus não se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de recorrer à sua misericórdia” (*Evangelii Gaudium* 3).

Francisco nos convida a prolongar essa experiência, comunicando a mensagem da salvação. É com base nesta convicção que a missão nunca pode ser concebida em termos de proselitismo partidário, mas sim de um convite ao encontro com Aquele que tudo pode.

“Os cristãos têm o dever de anunciar [Deus] sem excluir ninguém, não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem compartilha uma alegria, aponta um belo horizonte, oferece um banquete desejável. A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração” (*Evangelii Gaudium* 14).

A lógica da misericórdia encontra seu fundamento no mistério da Encarnação, no mistério de um Deus que assumiu a loucura de se tornar homem para salvar o homem. Esta é a grande novidade proposta pelas histórias evangélicas e que a Exortação pretende resgatar. A *Evangelii Gaudium* tem como música de fundo o Cristo que passou a vida caminhando entre o seu povo, aquele que curou os enfermos e possessos, aquele que falou de Deus com a autoridade que a ternura concede, aquele que teve compaixão da multidão porque eram como ovelhas sem pastor, a quem não se apressou em condenar, mas foi rápido em perdoar, que repete como refrão nos Sinóticos: “Vai em paz, a tua fé te salvou”. É difícil para nós imaginar a profunda novidade que implicava para a multidão poder chamar Deus de Abbá. É por isso que Francisco simplesmente afirma que “o Filho de Deus, em sua encarnação, nos convidou à revolução da ternura” (*Evangelii Gaudium* 88). Identificar a misericórdia com o relativismo moral ou teológico

não é ter entendido que ela é uma companheira no caminho dos processos humanos.

Portanto, sem diminuir o valor do ideal evangélico, é necessário acompanhar com misericórdia e paciência as etapas possíveis de crescimento de pessoas que se constroem dia a dia. Um pequeno passo, no meio de grandes limites humanos, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem passa seus dias sem enfrentar grandes dificuldades (*Evangelii Gaudium* 44).

Pelo contrário, Francisco adverte contra o relativismo, que é filho da falta de misericórdia, ainda mais perigoso que o relativismo doutrinário. “Esse relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (*Evangelii Gaudium* 80). Agir, decidir, sonhar, trabalhar a partir de um egoísmo individualista que se traduz na busca por espaços de poder, segurança econômica e glória humana. Teríamos que tirar consequências teológicas do confronto desse duplo relativismo, porque na prática ele continua a colocar a separação entre o dizer e o fazer.

A missão marcada pela alegria misericordiosa nos convida a repensar constantemente nossa maneira de ensinar o tratado sobre Deus e a cristologia. Como aponta W. Kasper, é impressionante a ausência do tema nos textos sobre Deus (KASPER, 2015a, p. 22). Fazendo um *mea culpa*, ele destaca a

alarmante constatação de que este tema – fundamental para a Bíblia e atual para a experiência contemporânea da realidade – ocupa, no melhor dos casos, apenas um lugar marginal nos dicionários enciclopédicos e manuais de teologia dogmática.

Não podemos mais pensá-lo exclusivamente como um dos atributos que derivam da essência metafísica de Deus, mas devemos dar maior primazia à sua presença na história da salvação. Não é, também, uma questão marginal quando contemplamos Cristo, temos que entrar nas profundezas da ação transformadoras da misericórdia, vendo no mistério da Encarnação a

graça que se estende em toda a criação como expressão do amor de Deus pela humanidade.

A salvação, que Deus nos oferece, é obra da sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a Si. Envia o seu Espírito aos nossos corações, para nos fazer seus filhos, para nos transformar e tornar capazes de responder com a nossa vida ao seu amor. A Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus (*Evangelii Gaudium* 112).

3 O condicionamento antropológico da cultura

A salvação é oferecida ao homem como obra da misericórdia divina. A Igreja, dotada dos meios de salvação oferecidos por Cristo, comunica a salvação nas periferias e nos lugares mais necessitados a força do Ressuscitado. Francisco recorda que a ação de Deus é sempre recebida de determinada cultura. "A graça pressupõe cultura, e o dom de Deus se encarna na cultura de quem o recebe" (*Evangelii Gaudium* 115). Talvez seja surpreendente para alguns que a expressão clássica tenha sido modificada e que a cultura substitua a natureza.⁵ Recordemos que a base desta afirmação se encontra em *Gaudium et Spes* 53. Também é possível rastreá-la em textos de Paulo VI e João Paulo II. No entanto, na prática pastoral e na reflexão teológica nem sempre foi levado em conta. As consequências resultantes são variadas. Em primeiro lugar, percebe-se nessas linhas um elogio à diversidade de estilos de vida que os homens geram na história. Louvor que se torna um chamado a levar a sério esse modo cultural como modo de viver o cristianismo, pois "não tem um modo cultural único, mas [...] também levará consigo o rosto de tantas culturas e de tantos povos que foi acolhido e enraizado" (*Evangelii Gaudium* 116). Sem dúvida, este reconhecimento da diversidade modifica o que a Igreja faz. Mas, ao mesmo tempo, supõe assumir

um novo dizer que vai além da mera repetição de conteúdos invariáveis em fórmulas estáticas. "O que deve ser buscado, em última análise, é que a pregação do Evangelho, expressa com categorias próprias da cultura onde é anunciado, provoque uma nova síntese com aquela cultura" (*Evangelii Gaudium* 129).

Cai por terra o argumento de que o cristianismo é rodeado por uma determinada concretização cultural. Mas, de forma alguma isso deve ser entendido como um ataque à unidade da Igreja ou associado ao sentimento antirromano. Papa Francisco levanta a diversidade em uma chave teológica:

Não faria justiça à lógica da encarnação pensar em um cristianismo monocultural e monocórdio. Embora seja verdade que algumas culturas estiveram intimamente ligadas à pregação do Evangelho e ao desenvolvimento do pensamento cristão, a mensagem revelada não se identifica com nenhuma delas e tem um conteúdo transcultural (*Evangelii Gaudium* 117).

O mistério de Deus feito homem em Cristo é o critério para validar as aspirações mais profundas do coração dos homens e não um estilo cultural, por mais avançado que pareça. Isso implica uma grande generosidade para permitir que a ação não seja prejudicada por nossos esquemas mentais. "Às vezes, na Igreja, caímos na vã sacralização de nossa própria cultura, com a qual podemos mostrar mais fanatismo do que autêntico fervor evangelizador" (*Evangelii Gaudium* 117).

No nosso Continente e no nosso país esta afirmação tem um estranho impacto. Nascermos em uma terra que pode ser caracterizada como um povo entre muitos povos. Desde a primeira evangelização, este tem sido o grande desafio da Igreja: respeitar a autonomia cultural do povo nascente, transmitindo com clareza a mensagem da salvação. Hoje, o desafio continua atual. A Grande Pátria que é a América Latina, rica em expressões, sustentadas e protegidas pela única fé em Deus, em Jesus Cristo e na Virgem Mãe.

⁵ A Igreja é para ele [Francisco] muito mais do que uma instituição orgânica e hierárquica, é sobretudo Povo de Deus a caminho para Deus, povo peregrino e evangelizador que transcende também toda a necessária expressão institucional [...]. Com base na sua teologia do Povo de Deus, o Papa Francisco opõe-se a todo clericalismo [...]. O papa quer que todo o Povo de Deus participe da vida da Igreja: homens, mulheres, leigos e clérigos, jovens e velhos (KASPER, 2015b, p. 57).

A Igreja deve retornar à mensagem da cruz, e não negar o sofrimento ou sacrifício na vida do cristão, Reyes detém:

A teologia da cruz e da missão nos ensina que tanto o discipulado quanto a missão serão marcados por uma dedicação sacrificial aos outros e pelo mesmo sofrimento que foi parte integrante da messianidade de Jesus de Nazaré, o Senhor da igreja. Assim sendo, e visto que, como se viu, o sofrimento, a escassez e a morte chegaram mesmo àqueles que lutaram para ser fiéis ao Senhor e à sua missão, o agente contemporâneo não deve esperar nada diferente. Portanto, não deve surpreender que em sua carreira missionária ele tenha que caminhar pelo deserto e sob o claro-escuro, frio e solitário de suas sombras (REYES, 2009, p. 99).

A Igreja não deve estar alheia aos tempos atuais, deve abrir os olhos para os efeitos devastadores dos vícios, os altos índices de violência, o crescimento da pobreza e o alcance da globalização. A Igreja deve estar onde o ser humano sofre e transformar sua vida. É verdade que na América Latina se observam mudanças na presença da Igreja no contexto social através de diferentes serviços (centros de dependência, áreas de merendas, escolas, programas laborais, candidatos cristãos na esfera política), mas é urgente que se faça mais esforços para que a ação social não esteja separada da Palavra, pois a mensagem de Cristo sempre esteve comprometida com os frágeis, vulneráveis, excluídos e explorados. A Igreja deve estar também envolvida a nível social e dar voz às questões que afetam o ser humano, consumismo, internet e redes sociais, aborto, pobreza, violência de gênero, desemprego, saúde, exploração infantil, prostituição adolescente, eutanásia e todas as faces da escravidão moderna, meio ambiente etc. Não podemos falar de um evangelho de paz, justiça e amor se permanecermos alheios a participar do compromisso de lutar contra qualquer sistema que oprime e desumaniza o homem. A única maneira de o não crente ver o rosto de Deus na Igreja é através de ações que visam dignificá-la, para isso todo cristão deve fazer da justiça social um lema diário, uma tentativa de contar a história do evangelho em seu contexto. "Não se trata de

uma nova Igreja, mas de um modo novo de ver a Igreja, que deve levar a um novo modelo eclesial" (KASPER, 2015b, p. 56).

É vital e urgente que a Teologia esteja presente na Igreja não como patrimônio de poucos, mas que todo o povo de Deus possa concordar em ser formado e ter uma fé e um fundamento. Cada vez mais, a influência da sociedade vicia as igrejas locais e crescem as igrejas onde se apela aos sentidos e às emoções e se proclama uma espiritualidade vazia de conteúdo bíblico e sem fundamento.

Na realidade complexa da missão, o primeiro anúncio tem um papel central e insubstituível, porque introduz no mistério do amor de Deus, que, em Cristo, nos chama a uma estreita relação pessoal com Ele e predispõe a vida para a conversão. A fé nasce do anúncio, e cada comunidade eclesial consolida-se e vive da resposta pessoal de cada fiel a esse anúncio. Como a economia salvífica está centrada em Cristo, assim a actividade missionária tende para a proclamação do Seu mistério (*Redemptoris Missio*, 44).

A missão deve ser sempre salvífica e permeada pela dimensão do amor de Cristo, um amor ativo, presente na luta pelos outros e capaz de lhes dar ferramentas para que, uma vez salvos, os seres humanos também sejam mais dignos e mais livres. A Igreja deve criar as condições para que as pessoas alcancem seu empoderamento e se libertem de sua escravidão interna e externa. A missão "não exclui ninguém nem uniformiza. Ela é universal, solidária, constrói a unidade na diferença [...] acolhe a todos na comunhão" (PANAZZOLO, 2006, p. 102).

A Igreja deve refletir sobre esses "modos" que cada vez mais penetram toda a América Latina e fazer uma análise de que tipo de Igreja Cristo espera ter quando chegar: um número extraordinário de pessoas que gritam seu nome e o aplaudem com euforia ou um número de pessoas salvas e evangelizadas? René Padilla já dizia:

Como os cristãos podem se unir em missão quando tantos deles (especialmente no Ocidente) adotam estilos de vida ostensivos, enquanto a grande maioria deles (especialmente em países subdesenvolvidos) é incapaz de atender às necessidades humanas básicas? A pobreza do Terceiro Mundo coloca um

ponto de interrogação sobre o modo de vida das pessoas (e especialmente dos cristãos) no mundo ocidental. E a resposta apropriada para isso é, para começar, um estilo de vida simples e uma reestruturação radical das relações econômicas entre os cristãos em todos os lugares, com base no conceito cristão de mordomia (PADILLA, 1986, p. 130).

4 Consequências éticas da transformação missionária

A missão, com seu alto conteúdo teológico, acarreta inevitavelmente um compromisso social, com consequências éticas que não podem ser silenciadas. Sem dúvida, como temos vindo a assinalar, o aspecto do qual brota este compromisso é o bom Deus que, sem perder a sua transcendência absoluta, se aproxima dos homens e das suas grandes questões existenciais. Isso significa dizer que "a Igreja não é um 'para si', mas um 'para os outros'" (VELASCO, 1996, p. 429). Essa condição paradoxal do ser de Deus em sua comunicação com a humanidade, convicção de fé do povo de Israel, é levada a um extremo inimaginável na Encarnação de Jesus Cristo.

O Capítulo IV da Exortação é dedicado a um tratamento abrangente da questão. Não admite nenhum espiritualismo ou uma "caridade à la carte" que possa silenciar nossa consciência, mas amar a Deus que reina no mundo. "Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, justiça, paz e dignidade para todos. Então, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais" (*Evangelii Gaudium* 180). Nessa linha, ele recolhe Mt 25,40, Mt 7,2, Lc 6,36 (textos que se referem à misericórdia presente em nossas vidas como extensão da Encarnação) e comenta:

o que esses textos expressam é a absoluta prioridade de 'sair de si para o irmão' como um dos dois mandamentos principais que encontraram toda a normalidade moral e como o sinal mais claro para discernir sobre o caminho do crescimento espiritual em resposta à doação absolutamente gratuita de Deus (*Evangelii Gaudium* 179).

Um ponto sensível na dimensão ética da mis-

são se estende ao criticar o uso do dinheiro. Esta não é uma crítica circunstancial. Muito menos devemos pensar em um corretivo técnico para as estratégias econômicas atuais. Podemos pensar como uma crítica teológica com consequências sociais. "Em última análise, a ética leva a um Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado" (*Evangelii Gaudium* 57). A Exortação nos convida a quebrar a lógica do dinheiro como chave hermenêutica da antropologia e nos propõe colocar o ser humano no centro das preocupações. O problema não está em colocar o homem no centro, mas em ter condicionado a verdade e a felicidade do homem ao dinheiro. Dai o grito retumbante: "O dinheiro deve servir e não governar!" (*Evangelii Gaudium* 58). A clara advertência contra a nova idolatria do dinheiro gerada pela globalização, com suas crises e incertezas, é também uma denúncia contra aqueles que usam esse meio para oprimir os outros. Perante a convicção de que o mercado trará maior equidade e inclusão social, Francisco recorda que "esta opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos, exprime uma confiança crua e ingênua na bondade de quem detém o poder econômico, os mecanismos sacralizados do sistema econômico vigente" (*Evangelii Gaudium* 54).

A crítica é teológica e traz uma novidade interessante: não questiona o antropocentrismo em abstrato, mas sim aquele que é moldado pela lógica e simbolismo do dinheiro. Bem, não se trata do dinheiro no sentido material, mas da função que ele cumpre como estruturador da existência. A crítica inclui uma mudança de atitude, uma sensibilidade aos problemas dos pobres e marginalizados, mas exige uma modificação mais profunda do centro em torno do qual gira a concepção antropológica. Se há homens e mulheres que são esquecidos, ignorados ou tratados como se não fossem seres humanos, não há programa político ou econômico que nos permita viver em paz. Nisto, Papa Francisco é mais uma vez contundente. A violência em que vemos que o mundo está submerso em diferentes ocasiões "não acontece apenas porque a desigualdade provoca a reação

violenta dos excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto em sua raiz" (*Evangelii Gaudium* 59). É uma reivindicação para que o dinheiro não estruture a ordem social subordinando ao seu governo a articulação das relações humanas em seus vários níveis. Por isso, para Papa Francisco, a crise financeira que trouxe tanto sofrimento para milhões de pessoas não se origina de um plano econômico tecnicamente incorreto, mas de uma antropologia ideologizada pelo desejo de acumular riquezas.

Uma das causas dessa situação está na relação que estabelecemos com o dinheiro, pois aceitamos pacificamente sua predominância sobre nós e nossas sociedades. A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que na sua origem existe uma profunda crise antropológica: a negação do primado do ser humano! A crise mundial, que atinge as finanças e a economia, revela os seus desequilíbrios e, sobretudo, a grave falta de sua orientação antropológica que reduz o ser humano a apenas uma de suas necessidades: o consumo (*Evangelii Gaudium* 55).

A vida dos pobres é uma instância crítica da lógica do dinheiro. Deus os escolheu de antemão e nos convida a escolhê-los nele. Por isso, para Papa Francisco, a opção pelos pobres é mais teológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica. Convida a conhecer um estilo de vida prenhe de um universo simbólico que revela o mistério da vida, da solidariedade e do amor em meio a tanto sofrimento e limitação.

A nova evangelização é um convite a reconhecer o poder salvífico de suas vidas e colocá-las no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles, a dar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a ouvi-los, a interpretá-los e a recolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (*Evangelii Gaudium* 198).

A missão é chamada a questionar pacificamente a ordem estabelecida a partir da lógica do Evangelho. A teia de relações que Jesus Cristo tece em sua vida terrena propõe um estilo de vida onde o centro é o homem liberto de toda servidão que o escraviza.⁶ Mas isso implica as-

sumir a lógica do amor e da misericórdia com todas as suas consequências, permitindo que nos completem e nos convertam. Como contam os Evangelhos em diversas ocasiões, o que importa é o homem curado e não a observância do sábado à custa de sua saúde. Isso significa construir uma antropologia diferente a partir dos fundamentos evangélicos e das intuições e desdobramentos que a tradição nos oferece. Há aqui uma consequência ética que não pode nos deixar indiferentes. Não somos convidados a corrigir uma situação anômala, mas a lançar novas bases, a contribuir com nosso grão de areia para que a árvore da sociedade cresça de outra raiz.

Considerações finais

A missão que o Papa Francisco convida é ousada. É um caminho de transformação, renovação, conversão, reforma. Pede para olhar não só para fora, mas também para dentro. Convida a propor uma verdade que transforma simultaneamente a existência, a ponto de ser tornar missionários quando se faz missão. Uma missão que não exclui ninguém e que deve ser vivida como atitude permanente dos cristãos. Missão que se coloca em saída e propõe renovar as estruturas a partir dessa saída. Trata-se de "proporcionar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão" (*Evangelii Gaudium* 25).

Dizer e fazer andam juntos. Deus e o homem precisam ser ditos com uma palavra fiel e misericordiosa, que os expresse em sua realidade mais autêntica neste momento da história. Uma palavra que desvenda com muita honestidade os desejos da humanidade. Só assim pode-se fazer o bem. Creio que aqui está uma das chaves que se permitirá abandonar a tristeza individualista e recuperar a doce e reconfortante alegria de evangelizar.

Papa Francisco introduziu-nos em um dinamismo de "sair", que exige da Igreja uma conversão pastoral que favoreça a diversidade, provocando a ação missionária dos discípulos e pretendendo

⁶ A Igreja é feita de pessoas humanas completas, com todo o seu ser e todo o seu agir. A Igreja não é composta somente de um aparelho de santificação cujos elementos ativos seriam os membros da hierarquia (COMBLIN, 2011, p. 26).

que estes, pela riqueza e originalidade do seu batismo, ser sujeitos individuais e coletivos do anúncio do Evangelho nos diversos Areópagos. Além disso, inseriu a comunidade dos discípulos em um caminho de conversão à missão, onde os diversos membros da Igreja, que são uma comunhão, se articulam em vista da dedicação generosa pela vida do mundo.

Referências

BOFF, L. *Teologia do cativo e da libertação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

COMBLIN, J. *Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COMBLIN, J. *Povo de Deus*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANCISCO, PAPA *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÃO PAULO II, PAPA. *Carta Encíclica Redemptoris missio* (Sobre a validade permanente do mandato missionário). São Paulo: Paulus, 1991.

KASPER, W. *A misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. Loyola: São Paulo, 2015a.

KASPER, W. *Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas, 2015b.

LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

MIRANDA, M. de F. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.

PADILLA, C. R. *Misión Integral Ensayos sobre el Reino y la iglesia*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1986.

PANAZZOLO, J. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

REYES, G. Sufrimiento y gracia: Eje misionológico narrativo y sus implicaciones para la misión en América Latina. *Kairos*, [S. l.], n. 44, p. 79-104, 2009

VELASCO, R. *A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Endereço para correspondência

Roberto Marcelo da Silva
Rua Almirante Barroso, 415
Jd. Bela Vista, 12091410
Taubaté, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil, com período sanduiche pela Université de Strasbourg, França; pós-doutorado em Teologia pela PUCRJ; psicanalista pela Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise, ABRAFP, Brasil. Professor e coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova (FCN), em Cachoeira Paulista, SP, Brasil.